

# O status prosódico dos clíticos pronominais do português<sup>1</sup>

Luciene Bassols Brisolara

<sup>1</sup> Instituto de Letras e Artes - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

bluciene@pop.com.br

**Resumo.** *Este trabalho constitui-se em um estudo sobre o status prosódico dos clíticos pronominais '-me', '-te', '-se', '-lhe(s)', '-o(s)', '-nos', '-lo(s)' do Português Brasileiro, tomando como base a análise do comportamento da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ desses elementos em duas variedades de fala existentes no Estado do Rio Grande do Sul: a metropolitana e a fronteiriça com país de fala espanhola. O estudo utiliza dados de Santana do Livramento, região que faz fronteira com o Uruguai, em diferentes épocas: uma amostra coletada em 1978 e uma amostra coletada em 2003-5, além de utilizar dados de uma terceira amostra, a da cidade de Porto Alegre – região metropolitana. A opção por investigar a regra de elevação das vogais átonas de clíticos pronominais em uma variedade fronteiriça deve-se ao fato de, na língua espanhola, as vogais médias altas não se converterem em vogais altas em posição final. Por essa razão, confrontamos uma variedade fronteiriça com uma não fronteiriça, a fim de verificar o comportamento das vogais dos clíticos com respeito à preservação das médias. Com esse encaminhamento, além da busca de subsídios para a verificação do status prosódico dos clíticos, é possível também revelar se essa regra apresenta um estágio de variação estável ou um processo de mudança em curso.*

**Abstract.** *This article presents a study on the prosodic status of the pronominal clitics '-me', '-te', '-se', '-lhe(s)', '-o(s)', '-nos', '-lo(s)' in Brazilian Portuguese, as we consider the raising rule applied to the vowel /e/ and /o/ of these elements in two spoken varieties in Rio Grande do Sul: the metropolitan and the border with a country in which Spanish is spoken. The study presents data from the town of Santana do Livramento, on the border with Uruguay, in two different places in time: a set of data collected in 1978 and another one from 2003-5. The study also considers data from a third data sample, obtained in the city of Porto Alegre and its towns nearby. We chose to investigate the raising rule of the unstressed vowels in pronominal clitics due to the fact that final mid vowels are not raised in Spanish. For this reason, we compare the results obtained from a town on the border with Uruguay and a city located far from this border. In this sense, we aim to find support in our data which allows us to discuss the prosodic status of clitics, as we determine whether the raising rule is indicative of a process of language change in progress.*

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa apresenta um recorte do estudo de Brisolara (2008)

**Palavras-chave:** clíticos pronominais; português fronteiriço; teorias fonológicas

## 1. Introdução

O presente estudo é uma análise do status prosódico dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ do Português Brasileiro (PB). A base empírica que a pesquisa toma para a abordagem de tal foco de estudo é a análise do comportamento da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ desses elementos em duas variedades de fala existentes no Estado do Rio Grande do Sul: a metropolitana e a variante fronteiriça com país de fala espanhola. Tal recorte de variedades lingüísticas tem motivação em resultados de pesquisas já realizadas que apontam para a elevação variável de vogais em comunidades gaúchas.

No sistema do Português Brasileiro, as vogais médias são as que estão mais sujeitas à aplicação de processos fonológicos, particularmente em posição átona. Os estudos de Bisol (1981), Callou, Leite & Coutinho (1991), Bortoni, Gomes, Malvar & Alves (1991), Vieira (1994, 1997, 2002), Amaral (1996), Battisti (1994), Schwindt (1995), Amaral (2000), Carniato (2000) são referência na questão do comportamento das vogais médias em sílabas átonas. Embora existam numerosas discussões já apresentadas sobre o funcionamento das vogais médias do PB, até o momento apenas a pesquisa de Brisolara (2004) investigou especificamente o comportamento dessas vogais em clíticos pronominais.

O presente estudo utiliza dados de Santana do Livramento, região que faz fronteira com o Uruguai, em diferentes épocas: uma amostra coletada em 1978 e uma amostra coletada em 2003-5, além de utilizar dados de uma terceira amostra, a da cidade de Porto Alegre – região metropolitana.

A opção por investigar a regra de elevação de vogais átonas de clíticos pronominais em uma variedade fronteiriça deve-se ao fato de, na língua espanhola, as vogais médias altas não se converterem em vogais altas em posição final. Por essa razão, confrontamos uma variedade fronteiriça com uma não fronteiriça, a fim de verificar o comportamento das vogais dos clíticos com respeito à preservação das médias. Com esse encaminhamento, além da busca de subsídios para a verificação do status prosódico dos clíticos, foi possível também revelar se essa regra apresenta um estágio de variação estável ou um processo de mudança em andamento, contribuindo, assim, para a descrição do português falado em região de fronteira e oferecendo elemento para discussões a respeito de mudança lingüística. A análise desses dados, com a fundamentação teórica proposta para a pesquisa, foi efetivamente capaz de dar suporte à discussão sobre o status prosódico dos clíticos.

No tocante à prosodização dos clíticos, o aspecto importante a ser aqui destacado é o fato de haver divergências a respeito da inclusão do grupo clítico na hierarquia prosódica proposta segundo Nespor e Vogel (1986). De acordo com Selkirk (1981, 1982, 1984), Vigário (1999, 2001) e Peperkamp (1997) entre outros, esse não é um constituinte da hierarquia prosódica. Diante de propostas antagônicas, é prudente investigarmos mais detalhadamente o comportamento dos clíticos, procurando as propriedades que esses elementos deixam em evidência.

## 2. A natureza dos clíticos

A natureza dos clíticos tem sido tema de muitas discussões nos últimos tempos. Do ponto de vista fonológico, os clíticos são considerados formas dependentes, em função de não serem candidatos a portar acento, precisando apoiar-se em um elemento que seja tônico. Os pronomes clíticos partilham com outras unidades lexicais, como preposições e artigos, a propriedade de serem átonos e, por isso, dependem de itens lexicais com acentuação própria, usualmente designados como seus hospedeiros.

Sob o ponto de vista sintático, os clíticos são morfemas que funcionam como palavras, mas que não aparecem como palavras fonológicas independentes; de fato, são sempre ligados à palavra seguinte ou precedente.

Câmara Jr. (1970, p.63-4), referindo-se aos clíticos pronominais do português, afirma que:

as chamadas partículas átonas não têm status de vocábulo fonológico. Se proclíticas, isto é, associadas a um vocábulo seguinte, elas valem como sílabas pretônicas desse vocábulo (...); e, se enclíticas, isto é, associadas a um vocábulo precedente, nada mais são que a sílaba postônica última desse vocábulo(...)

Os clíticos, para o autor, constituem sílabas de um vocábulo. Segundo Câmara Jr, a união de dois vocábulos mórficos, como é o caso do clítico com o hospedeiro, é denominada 'locução'. No caso de 'fala-se' ou 'se fala', há uma locução formada por uma forma livre e uma forma dependente.

Segundo Mascaró (2002, p.470), clíticos são elementos que, por suas propriedades, se encontram entre a palavra e o morfema. Um clítico *normalmente é formado por um morfema ou por um conjunto de morfemas, é átono e apresenta-se ligado a uma outra palavra.*

De acordo com o autor, o caráter átono do clítico pode ser deduzido da pronúncia e também do fato de que, em muitos casos, clíticos são assilábicos, ou seja, não formam nenhuma sílaba e, por isso, não podem receber acento.

Na seção 5, discutiremos o status prosódico dos clíticos pronominais do Português do Brasil.

### 2.1. Os clíticos do português

No português, os seguintes elementos constituem clíticos:

a, de, por, com, em	preposições
o(s), a(s)	artigos definidos
me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s), a(s) <sup>2</sup>	pronomes pessoais oblíquos
e, mas, ou	conjunções
que	pron. relativo/interrogativo
do(s)/da(s), no(s)/na(s), ao(s)/à(s)	preposições+artigos definidos
para	preposição, conjunção
pelo(s)/a(s)	preposição + artigo definido
porque, cada	pronome ou conjunção

### 3. Metodologia

Os dados que constituíram os *corpora* deste trabalho foram levantados de gravações cedidas pelo Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA), sediado na Universidade Católica de Pelotas – *corpus* de Santana do Livramento (2003-5), e do Banco de Dados Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País (VARFUL), sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – *corpus* de Santana do Livramento (1978) – e *corpus* de Porto Alegre (1990).

Os *corpora* que constituíram o estudo apresentam 58 entrevistas, sendo 14 da cidade de Santana do Livramento (VARFUL, 1978), 22 da mesma cidade (BDS PAMPA, 2003-5)<sup>3</sup> e 22 de Porto Alegre (VARFUL, 1990).

---

<sup>2</sup> Os clíticos pronominais ‘-lo(s)’, ‘-la(s)’ não foram incluídos na lista, uma vez que estão implícitos em ‘-o(s)’, ‘-a(s)’, pois a lateral é epentética.

<sup>3</sup> Cabe salientar que as gravações de Santana do Livramento (amostra 2003-5) não são re-contato com os informantes de 1978 (amostra VARFUL). Os informantes fazem parte de uma outra amostra da mesma cidade.

### 3.1. Seleção das Variáveis

A variável dependente é a regra de elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/ dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’, em dados de falantes de Santana do Livramento, em duas épocas (1978 e 2003-5), e de Porto Alegre, a capital, (1990), tomada como ponto de referência.

Estabelecemos dez variáveis independentes a fim de verificar se estas influenciam o fenômeno lingüístico aqui estudado. Esses grupos de fatores são os condicionadores lingüísticos e extralingüísticos que passam a ser apresentados.

As variáveis lingüísticas foram:

- a) *tipo de clítico*: ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’
- b) *vogal do clítico*<sup>4</sup>: [+ posterior] , [- posterior]
- c) *onset da sílaba seguinte ao clítico*: p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /l/, /tʃ/, /dʒ/, /r/, /x/, /ʎ/
- d) *vogal da sílaba da palavra seguinte*: /i/, /u/, /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/<sup>5</sup>, /a/
- e) *distância do clítico*<sup>6</sup> *da sílaba tônica do hospedeiro*: sem distância, uma sílaba, duas sílabas, três sílabas, quatro sílabas;
- f) *tipo de junção*: ditongação, degeminação, hiato;
- g) *posição do clítico*: pretônica, postônica.

As variáveis extralingüísticas foram:

- a) *gênero*: masculino e feminino
- b) *faixa etária*: (16 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos);
- c) *escolaridade*: (0-5 anos, 6-9 anos, 10-11 anos).

## 4. Análise quantitativa

Conforme já referimos, este estudo é constituído de três amostras: Porto Alegre (amostra VARSUL – 1990), Santana do Livramento (amostra VARSUL – 1978) e Santana do Livramento (amostra BDS PAMPA – 2003-5). Na Tabela 1, apresentamos o número de ocorrências de clíticos em cada amostra.

---

<sup>4</sup> Com relação às variáveis ‘tipo de clítico’ e ‘vogal do clítico’, salientamos que nunca foram rodadas juntas por apresentarem pouca ortogonalidade, uma vez que nem todos os fatores da variável ‘tipo de clítico’ co-ocorreram com todos os fatores da ‘vogal do clítico’.

<sup>5</sup> Encontramos poucos dados das vogais médias baixas. Em virtude da pertinência lingüística e estatística, resolvemos amalgamar esses fatores. No comentário das tabelas, portanto, essas vogais apareceram juntas.

<sup>6</sup> Consideramos o fator ‘sem distância’ quando a sílaba tônica do hospedeiro vem imediatamente após o clítico e ‘distância de uma sílaba’ quando a sílaba tônica do hospedeiro tem uma sílaba intermediária em relação ao clítico e assim sucessivamente.

Amostra	Dados
Porto Alegre VARSUL (1990)	1.648
Santana do Livramento VARSUL (1978)	841
Santana do Livramento BDS Pampa (2003-5)	589
Total	3.089

**Tabela 1: Distribuição das ocorrências dos clíticos pronominais em cada amostra**

#### 4.1. Amostra de Porto Alegre (1990)

Analizamos um total de 1.648 ocorrências dos clíticos pronominais objetos de nosso estudo, sendo que, em 95% dos casos, houve elevação da vogal do clítico. Apresentamos, a seguir, os resultados mais significativos, os quais poderão ser comparados nas três amostras do estudo.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
Sem distância	449/462	97%	0,61
Uma sílaba	543/572	95%	0,43
Duas sílabas	399/417	96%	0,52
Três sílabas	122/135	90%	0,40
quatro sílabas	1/3	33%	0,02
Total	1.514/1.589	95%	

**Tabela 2: 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'**

Significância .010

Input .97

Na Tabela 2, verificamos que a menor distância entre o clítico e a sílaba tônica do hospedeiro favorece muito a regra de elevação das vogais dos clíticos. Esse resultado contraria nosso pressuposto ao mostrar que a menor distância entre a sílaba do clítico e a sílaba tônica do hospedeiro é a que mais favorece a neutralização. Segundo a literatura, quanto mais afastada da tônica, mais fraca é a sílaba e mais propensa a processos de variação.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
/i/	368/380	97%	0,54
/u/	89/103	86%	0,20
/e/	448/475	94%	0,45
/o/	235/242	97%	0,63
/ɛ/ /ɔ/	60/61	98%	0,67
/a/	314/328	96%	0,51
Total	1.514/1.589	95%	

**Tabela 3: 'Vogal da sílaba da palavra seguinte'**

Significância .010

Input .97

Na Tabela 3, observamos que a vogal média /o/ mostra-se a mais favorecedora da elevação das vogais médias dos clíticos pronominais, com peso relativo 0,63. Se verificarmos o peso relativo apresentado para as vogais /ɛ/ e /ɔ/ diremos que estas aparentemente são muito favorecedoras da regra aqui analisada; devido ao baixo número de ocorrência dessas vogais, comparado ao número de ocorrências apresentados pelas outras vogais estudadas, não consideramos essas duas vogais como favorecedoras do fenômeno em estudo.

Note-se que vogal /i/ apresenta peso muito próximo ao valor neutro (0,50), ou seja, 0,54. Já a vogal /u/, com peso relativo 0,20 mostra-se pouco favorecedora da elevação vocálica. Com os resultados relativos às vogais /i/ e /u/ sugerimos que, na amostra relativa à cidade de Porto Alegre, as vogais altas da sílaba seguinte ao clítico não apresentam força condicionadora para elevação das vogais médias dos clíticos pronominais investigados, isto é, o clítico não se eleva em função da regra de harmonia vocálica.

Queríamos, com esta variável, verificar a influência de uma vogal alta seguinte na elevação da vogal do clítico; entretanto, o que a tabela indica é que o clítico não sofre esta influência, pois comparativamente os índices mais altos desta tabela ficam com a vogal média /o/.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
Hiato	13/18	72%	0,12
Degeminação	95/99	96%	0,59
Ditongação	206/223	92%	0,50
Total	314/340	92%	

**Tabela 4: 'tipo de juntura'**

Significância .010

Input .97

Na Tabela 4, observamos que o contexto para junção considerado mais favorável para a elevação foi a degeminação (0,59), isto é, o clítico seguido de uma palavra iniciada por vogal alta. A vogal média do clítico converte-se em alta e a degeminação ocorre. Já o contexto apropriado à ditongação apresenta-se neutro com relação ao fenômeno em questão (0,50) e, nos casos em que a vogal do clítico com a vogal do hospedeiro gera um hiato, o peso relativo é 0,12, o que revela o baixo favorecimento ao hiato.

Conforme verificamos na seção 4.1, em Porto Alegre, a elevação das vogais médias dos clíticos pronominais tem uma aplicação praticamente categórica, ou seja, 95%.

#### 4.2. Amostra de Santana do Livramento (1978)

Analizamos um total de 841 ocorrências dos clíticos pronominais objeto de nosso estudo, sendo que, em apenas 21% dos casos, houve aplicação da regra aqui estudada. Apresentamos, a seguir, os resultados mais significativos para a amostra de Santana do Livramento (1978).

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
Hiato	1/67	1%	0,01
Degeminação	41/50	82%	0,89
Ditongação	73/77	94%	0,93
Total	115/194	58%	

**Tabela 5: 'Tipo de junção'**

Significância .013

Input .38

Na Tabela 5, verificamos um escasso uso de hiato e a preferência da degeminação e ditongação (PR 0,89, para a degeminação, e PR 0,93, para a ditongação), para resolver todos os casos de seqüências de duas vogais.



Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
/i/	27/154	18%	0,49
/u/	22/45	49%	0,69
/e/	56/214	26%	0,51
/o/	19/115	17%	0,23
/ɛ/ /ɔ/	6/51	12%	0,53
/a/	37/251	15%	0,57
Total	167/830	20%	

**Tabela 6: 'Vogal da sílaba da palavra seguinte'**

Significância .013

Input .38

A Tabela 6 aponta para um papel altamente favorecedor da vogal /u/, seguindo-se-lhe /a/. Entretanto, há poucas ocorrências da vogal /u/ na amostra da Santana do Livramento (1978). Os demais fatores ficam em termos de peso neutro ou abaixo. Infere-se que a vogal não tem um papel consistente com relação à altura.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
sem distância	22/336	7%	0,39
uma sílaba	41/251	16%	0,49
duas sílabas	81/186	44%	0,64
Três sílabas	22/49	45%	0,72
quatro sílabas	1/8	13%	0,35
Total	167/830	20%	

**Tabela 7: 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'**

Significância .013

Input .38

Na Tabela 7, verificamos que, ao contrário do que ocorreu em Porto Alegre, as distâncias de duas ou três sílabas são as que mais favorecem a elevação das vogais dos clíticos, apresentando pesos relativos, 0,64 e 0,72.

Deixando-se de lado o fator 'quatro sílabas', em razão de apresentar poucos dados, o resultado desta tabela corrobora nossa suposição de que quanto maior a distância da sílaba tônica, mais fraca é a sílaba e mais sujeita a processos de variação.

### 4.3. Amostra de Santana do Livramento (2003-5)

Analizamos um total de 589 ocorrências dos clíticos pronominais objetos de nosso estudo, sendo que, em apenas 44% dos casos, houve elevação da vogal. Apresentamos, a seguir, os resultados mais significativos para a amostra de Santana do Livramento (2003-5).

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
Hiato	3/20	15%	0,00
Degeminação	41/43	95%	0,73
Ditongação	63/67	94%	0,73
Total	107/130	82%	

**Tabela 8: 'Tipo de juntura'**

Significância .042

Input .96

Na Tabela 8, verificamos que há um escasso uso de hiato. Além disso, existe uma tendência ao uso dos processos de ditongação e degeminação para resolver os casos de seqüências de duas vogais.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
/i/	40/137	29%	0,34
/u/	22/51	43%	0,24
/e/	69/145	48%	0,55
/o/	63/103	61%	0,64
/ɛ/ /ɔ/	16/24	67%	0,76
/a/	50/127	39%	0,58
Total	260/587	44%	

**Tabela 9: 'Vogal da sílaba da palavra seguinte'**

Significância .042

Input .96

Na Tabela 9, as vogais altas /i/ e /u/ apresentam-se pouco favorecedoras do fenômeno estudado. Já as vogais /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/ e /a/ apresentam-se favorecedora desta regra. Entretanto, devemos desconsiderar a relevância das vogais médias baixas, uma vez que há poucas ocorrências.

Através do resultado apresentado para as vogais /i/ e /u/, podemos considerar que o fenômeno de harmonia vocálica não se mostra atuante nesta amostra, já que, diante de vogais altas, a vogal do clítico tende a se manter como média.

Fatores	Ocorrência/total	Percentual	Peso relativo
Sem distância	47/193	24%	0,43
uma sílaba	75/194	39%	0,43
duas sílabas	91/131	69%	0,57
Três sílabas	36/55	65%	0,78
quatro sílabas	11/14	79%	0,37
Total	260/587	44%	

**Tabela 10: 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'**

Significância .42

Input .96

Na Tabela 10, verificamos que as distâncias de duas ou três sílabas são as que mais favorecem a elevação das vogais dos clíticos, apresentando pesos relativos, 0,57 e 0,78. Deixando-se de lado o fator 'quatro sílabas', em virtude de apresentar poucos dados, o resultado desta tabela confirma nossa suposição de que, quanto maior a distância da sílaba tônica, mais fraca é a sílaba e mais sujeita a processos de variação.

Os resultados apresentados nas seções 4.2 e 4.3 revelam baixa frequência de elevação das vogais dos clíticos nos dados de Santana do Livramento (1978), 21%, enquanto na segunda amostra desta mesma cidade, amostra 2003-5, há um uso relativamente maior da regra estudada, ou seja, 44%. A partir dos resultados relativos às duas amostras de Santana do Livramento, podemos argumentar que os moradores dessa cidade sofrem influência do espanhol e, por isso, tendem a preservar as vogais médias no português fronteiriço; no entanto, o considerável aumento de aplicação da neutralização vocálica indica que está havendo um processo de mudança em andamento. É necessário, contudo, analisar mais dados desta comunidade, a fim de se confirmar ou não o processo de mudança.

## **5. Reflexões sobre a prosodização dos clíticos**

Conforme verificamos nos resultados de nosso estudo estatístico, a vogal do clítico eleva-se independentemente da vogal seguinte.

(1)

s[e] fere ~ s[i] feri

n[o]s buscar ~ n[u]s buscar

m[e] amou ~ m[i] amou

O clítico não se mostra sensível à regra de harmonia vocálica, não se comportando como uma sílaba pretônica, mas como uma átona final, sofrendo, como vogal dessa posição, a neutralização. Infere-se, portanto, que a vogal seguinte não tem papel -, isto é, o clítico se eleva em razão do processo de neutralização da postônica final e não da harmonia vocálica.

Cabe destacar que, a pesar de nosso estudo ter como ponto de partida a hierarquia prosódica de Nespor & Vogel (1986), diferencia-se deste em virtude de assumirmos que o grupo clítico não é um constituinte prosódico. Além disso, admitimos recursividade na escala prosódica, ao considerarmos que o clítico com o seu hospedeiro formam uma palavra fonológica pós-lexical, fato este também admitido por Vigário (2001), para o Português Europeu, e por Peperkamp (1997), para o Napolitano.

Em nossa proposta, portanto, consideramos que há, na hierarquia prosódica, seis constituintes: a sílaba, o pé, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado. Embora consideremos que o grupo clítico não constitui um nível da escala prosódica, não adotamos a posição de Selkirk (1986), a qual também não integra esse nível. Na verdade, nosso estudo vai de encontro à proposta de Selkirk por duas razões fundamentais: para a autora, clíticos são invisíveis a regras que derivam domínios prosódicos (op. cit, p.396); além disso, para Selkirk, o clítico e a palavra de conteúdo adjacente formam uma palavra prosódica; assim, exemplos como ‘a casa’, ‘de noite’ ou ‘me fere’ constituem uma palavra fonológica.

Assim, embora apresentemos a posição a favor de uma escala prosódica sem o nível do Grupo Clítico, seguimos a proposta de Nespor & Vogel (1986), por seu pressuposto de que a seqüência ‘clítico-hospedeiro’ é sensível a processos fonológicos em algumas línguas.

Admitimos, seguindo a linha de Bisol (2005), que os clíticos do PB, por estarem sujeitos apenas a processos fonológicos pós-lexicais (neutralização da postônica final, nasalização, sonorização da fricativa coronal, palatalização de /t/ e /d/ e regras de sândi<sup>7</sup>), se anexam ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando com ele uma só palavra fonológica. Mas diferentemente de Bisol (2005) e de acordo com Vigário (2001), admitimos que a formação da seqüência ‘clítico-hospedeiro’ como uma palavra fonológica se dá por recursividade. A diferença entre as duas análises que se apóiam na recursividade – a de Vigário (2001) e a defendida no presente trabalho – está no fato de que, para Vigário (2001), a palavra fonológica pós-lexical está aberta para regras lexicais e pós-lexicais, enquanto em nosso estudo sobre o PB, a palavra fonológica pós-lexical, a que corresponde à seqüência ‘clítico-hospedeiro’ está aberta somente a regras fonológicas pós-lexicais.

---

<sup>7</sup> Para maiores informações, ver Bisol (2005) e Brisolara (2008).

Em nosso estudo, as seqüências ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’ são formadas por uma sílaba que se alinha à esquerda do hospedeiro, no caso da próclise, e à sua direita, no caso da ênclise, formando uma palavra por recursividade. Proclíticos e enclíticos apresentam uma mesma estrutura prosódica, em virtude de mostrarem um comportamento simétrico no PB, no que tange à regra de neutralização da postônica final, pois esta se aplica tanto a proclíticos quanto a enclíticos, o que indica que a estrutura prosódica é uma só.

Proclíticos e enclíticos, no Português Brasileiro, não são incorporados ao hospedeiro no componente lexical, uma vez que não interagem com regras deste nível. Esses elementos são, portanto, adjungidos ao verbo no pós-léxico, uma vez que sofrem apenas regras fonológicas deste nível.

Esses argumentos indicam que clíticos se anexam diretamente a uma palavra fonológica, sem integrá-la (Bisol, 2000, p.23-4). Em nossa proposta, assumimos que, sem o nível do grupo clítico na hierarquia prosódica, a palavra prosódica pós-lexical insere-se no nível da palavra fonológica, pois a seqüência ‘clítico-hospedeiro’ compartilha com a palavra lexical a característica de portar apenas um acento. Além disso, o grupo clítico está sujeito a regras que têm como domínio de aplicação a palavra fonológica. Assumir que essa seqüência se insere no nível da frase implicaria mudar o domínio de aplicação de regras da língua, como a neutralização das átonas finais e a palatalização das plosivas coronais.

Assumimos, portanto, que a hierarquia prosódica não necessita incluir o grupo clítico para dar conta dos clíticos, uma vez que, no PB, estes são adjungidos ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando uma estrutura recursiva.

## 6. Referências Bibliográficas

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, n.1, p. 5-30, 2000.

\_\_\_\_\_. A neutralização das átonas. *D.E.L.T.A. - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 19, p. 267-276, 2003.

\_\_\_\_\_. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A. - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.20, ESPECIAL, p. 59-70, 2004.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n.141, p.163-184, 2005.

BRISOLARA, Luciene Bassols. *A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/*. Pelotas: UCPel, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, 2004.

\_\_\_\_\_. Cliticização pronominal no sul do Brasil: uma abordagem à luz da fonologia prosódica. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

\_\_\_\_\_. Os clíticos pronominais do Português Brasileiro e sua prosodização. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

CÂMARA JR, Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 18ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PEPERKAMP, Sharon Andrea. *Prosodic Word*. Ph.D. Dissertation. University of Amsterdam, 1997.

SELKIRK, Elisabeth. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: T. Fretheim (ed.) *Nordic Prosodic II*. Trondheim. TAPIR, p. 111-140, 1981.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.127-159, 2002.

VIGÁRIO, Marina Cláudia. *The prosodic Word in European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Tese (Doutorado), Universidade de Lisboa, 2001.